

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e colaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.º Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1\$200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 1\$500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia sera dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 41

BRAGA

SABBADO 4 DE NOVEMBRO DE 1882

LIBERDADE E MIGUELISMO

IV

A Cezar o que é de Cezar e a Deus o que é de Deus.

Se os sectarios da revolução, em presença do movimento legitimista em toda a Europa buscassem salvar a sua obra nefanda com a reconstrução profunda da sociedade que crearam, teriam ao menos o merito das intenções sinceras, embora prevalecesse o defeito congenito de sua hybrida produção.

Não acontece porem assim. A mingua de meios honestos, licitos e justos, armam-se da fantasia da calunnia e do insulto suez, e atacam por todos os flancos o inimigo commum.

O que resulta é que a doblez d'aquellas armas inverte o golpe, e fere a mão que o vibra.

A historia e a politica não se inventam, accitam-se nos factos, que o bom senso illumina.

Dizia Madame de Stael: «se o homem podesse conservar o ardor da alma quando o illumina a experiencia, se elle herdasse do tempo, sem vergar ao seu pezo, não insultaria nunca a virtude que se exalta, cujo principal conselho é a abnegação.»

No partido legitimista existe essa virtude. Vencido mas não convencido pela revolução, votou-se a um ostracismo mais que paciente em um periodo mais que longo.

Viu a liberdade, que vinha, como as coquettes do Bois de Bologne fascinando com o olhar, atrahindo com o sorriso, deixou-a passar, seguida de seus requestadores em um triumpho libidinoso.

E disse-lhe:—multiplica as tuas conquistas; ali está a patria. Se não és apenas a devassa de 1793 mostra-o ao povo que te contempla surprehendido das tuasousadas.»

E o partido legitimista cruzou os braços sobre o peito arquejante da inquietação e de resentimento. Sofreu com resignação os ultrajes da epoca que a todo o instante lhe cuspiam nas faces a affronta e o despreso.

E esperou.

A patria tornou-se um circo onde as feras procuravam saciar-se nas carnes do povo. Devoravam-se os partidos uns aos outros na disputa da presa cobiçada. Cada partido que suplantava outro, envolvia nas entranhas do paiz a detença faminta.

E o partido legitimista gemia com a patria a dor intensa do seu martyrio.

Ali a sua virtude, ali a sua abnegação.

Arrastado o paiz ao extremo da decadencia, prostituida a revolução até ás ultimas baixezas da dissolução e do deboche, que esperar d'ella?

A experiencia de 50 annos chegou a todas as camadas, entrou em todos os espiritos com a luz brilhante dos supremos desenganos.

Ergueu-se pois o partido legitimista para dizer á prostituta—«Fóra!

«Esta é a patria dos heróes, não é pasto de rameiras.

«Fóra!

Se vinhas para civilisar, progredir não é prostituir.

«Fóra!

«Se vinhas para a liberdade, libertar não é aniquillar.

«Fóra!

«Tu não és nem sequer o luxo da moda que arruina quando fascina, nem a belleza que fascina quando captiva.

«És a libertinagem infrene na embriaguez protvera de um realismo torpe.

«O povo te viu, este paiz te conhece, ó tolerada de 48 annos!

«A crapula te roubou aos olhos o brilho e ás faces o rubor. Um virus consumptivo te mina a existencia e te imprime nas faces as manchas indeleveis de uma corrupção incuravel.

«És ridicula porque és velha, asquerosa porque estás corrupta.

«Fóra!»

É um povo que o diz pela voz de um partido, que do alto da posição nobre e independente em que a sua honra o collocou, tem auctoridade e fé para clamar á face e todos os partidos—«Fóra!»

O paiz quer liberdade, a epoca, o futuro exige liberdade. Pois bem, a liberdade é a civilização, a liberdade é a ordem, a liberdade é o direito.

Inscripta essa liberdade em nossos pendões, para que querem apagar d'elles o

motte salutar e glorioso que uma geração nova n'elles escreve, como que pela mão do destino?

O partido tradicional é tambem o partido popular. A civilização é um bem universal, não é uma pertença de classe. Ella teve a sua origem e teve por fundamento o regimen municipal, como teve o regimen feudal, como teve a realesa, como teve a Igreja.

No partido tradicional tantos fóros cabem á mocidade que provem de sangue vermelho, como á mocidade que provem do sangue azul. Quando aos golpes dos inimigos da patria se põem os peitos leaes da legitimidade, o sangue que tingem o ferro inimigo, tem todo a mesma cor.

Para que é pois o quadro tetrico que a má fé debucha, restaurando a imagem de anachronismos, sobre os quaes pesam as lousas enormes de um sepulchro já cobertas de musgos?

Acaso as formulas politicas são uma escrofula herdada pelo espirito, e transmittida de geração em geração, sempre crescente nos seus effectos deletérios?

Em politica o passado é só um grande livro de estado, que se abre aos olhos das edades como sabio mestre da vida de amanhã.

O partido legitimista atravessando os 48 annos da sua inactividade tem sido pretexto de combates, mas não tem sido considerado senão sob o ponto de vista da polemica, na qual nem o julgaram com equidade, nem lhe conheceram o poder.

Erguido hoje, mostra-se qual é. Experiencia para edificar, tolerante para conciliar, forte para emprehender, honrado para manter-se.

Estranhem-no, desconhecem-no? Tanto melhor. Essa surpresa orgulha-nos.

Não sabem como olhar-nos? Essa vacillação diverte-nos.

Ora nos julgam muito fortes e insultam-nos, ora nos creem muito fracos e repoltreiam-se na sua cadeira os páes da patria e os seus escribas; mas quando se recostam adormecem e punge-os, atormenta-os um sonho terrivel, que lhes queima o cerebro.

De um ou de outro modo veem sempre o mesmo foco de luz, surge-lhes sempre diante dos olhos o mesmo espectro terrivel de um intimo presentimento, que é pa-

ra elles como a imagem de justiça pedindo contas ao reprobó convicto?

E dizem: prometteis-nos o esquecimento dos nossos erros e das nossas tyrannias? Não: vós não podeis perdoar, porque são tamanhos os vossos crimes, que só Deus os pôde esquecer.

Prometteis-nos a liberdade e a igualdade perante as leis? Mentis. Nós descemos tanto, que para vos aproximardes seria mister arrastar pela lama o codigo que trazeis.

Prometteis as conquistas do progresso no espirito da epoca e nos limites da ordem?—Não cremos que seja facil habituar-nos á virtude, a nós, que vegetamos na lama e na lama vivemos.

Prometteis-nos o concurso franco e sincero nos serviços do paiz? Ah! Como havemos fazel-o se estamos habituados ás concussões, se aprendemos nos egoismos, se praticamos nas corrupções? Mentis, vós não podeis transigir com o nosso ser medonho e peçonhento.

A linguagem da consciencia é difficil de conter. O manto esfarrapado das loquacidades sumptuosas não encobre o corpo pustuloso. Atravez aquelles audrajos vê-se a ulcera que goteja e sente-se o fetido que nauseia.

O partido legitimista desenrolando ao paiz o seu programma, não se dirige aos corruptos, nem se associa aos igoistas. Abre as portas do templo da sua fé aos homens de bem de todos os partidos, e offerce-lhes a elles, e só a elles, o trabalho pratico de salvarmos unidos a nação que se perde.

São os homens de bem, e só elles, que comprehendem a nossa lealdade, só elles que conhecem o valor d'este intimo sentimento, que tem para nós o valor sacrosanto da religião da alma.

Quem não fór susceptivel de abrigar este grande sentimento de patriotismo, não pôde comprehendere como ha corações onde elle possa palpitar e entusiasmar.

A esses espiritos de granito é inutil lançar esta corrente de idéas e de sentimentos, para a qual são insensíveis, como o solo ingrato que repudia a semente, que a mão agenciadora do homem a elle confia de balde.

A Cezar o que é de Cezar, a Deus o que é de Deus.

Se em honra dos principios não sabem

FOLHETIM

PURA

HISTORIA VERIDICA

I

Era Pura uma joven de dezete annos, cuja alma merecia o nome que ella recebera no baptismo.

Sua mãe, mui devota da Conceição immaculada da Mãe de Deus, quizera que a filha tivesse, desde o berço, por especial patrona e protectora nos céos a Fonte de toda a pureza.

Vira-a nascer Cadix; Cadix, a religiosa cidade que a nenhuma cede em ternura e affecto á Santissima Virgem Maria.

Não pertencia Pura á classe elevada da sociedade; nascida em certa abastança, seu pae ao morrer lhes deixara o sufficiente para seu sustento e vestuario, e por isso viviam frugalmente, cheias d'aquella doce e verdadeiro contentamento e d'aquella bem dita consolação de que gosam na sua mediania muitas familias, sem terem inveja aos prazeres da opulencia.

Ensinara-lhe sua boa mãe o santo temor de Deus, e a menina tinha tam boa indole e tambem havia aproveitado as saudaveis lições que lhe ella dava, que, á proporção que ia crescendo em edade, a mãe se alegrava cada vez mais de ver a in-

nocencia e pureza da filha, a encantadora graça de Pura, a sua affabilidade e simplicidade.

Tudo parecia sorrir áquella boa e christã familia: as mesmas lagrimas que algumas vezes derramavam ao recordarem-se do pae de Pura, eram dulcificadas pela consolação christã, que nos diz que apoz esta curta vida começa outra que não acaba e onde se unirão para sempre aquelles que estavam unidos na terra.

Porém chegou um dia triste para Cadix; dia em que o abatimento e a dor se apoderaram dos corações de seus habitantes: havia fallido uma casa de credito.

Muitos derramaram torrentes de lagrimas. Familias inteiras ficaram abysmadas na mais extrema miseria. Havendo perdido as suas pequenas economias, não lhes restava outro recurso que o de implorarem a caridade publica.

Uma d'essas familias foi aquella de que fallamos.

Sós no mundo, aquella pobre velha cega, que não podia ajudar-se a si propria, e aquella delicada e tenra joven, que sorte lhes estava reservada?

Julgaram todavia que haveria liquidiação de contas depois da fallencia, e alimentaram a esperanza de que nem tudo estaria perdido. Mas ai! a triste realidade as convenceu em breve de que tudo estava perdido sem esperanza alguma.

Nestas criticas circumstancias, e não con-

tando com os parentes, que eram tambem pobres, a infeliz menina se viu obrigada a vender e empenhar pouco a pouco a mobilia e a roupa branca.

Mas em breve se esgotaram estes debeis recursos.

Então a deslitosa Pura procurou um armazem onde lhe dessem roupas a fazer.

Aquella doce joven, thesoiro e delicias da mãe, e creada com todo o melindre de que se usa com uma filha unica, cheia de amor a sua mãe e da resignação que o céo concede nas grandes desgraças, começou a trabalhar de dia e de noite para ter um bocado de pão negro que dar a sua mãe.

Mas ai! o trabalho d'agulha é tam mal retribuido á pobre mulher! Emprega horas e horas a coser camisas que se chamam de feira, e que se pagam a noventa reis! E que são cento e oitenta reis, producto de dois d'estes objectos, para pagar casa, sustento e vestuario n'uma cidade como Cadix, onde tudo é horivelmente caro?

Não era só de dia, senão tambem durante longas horas da noite, que se via aquella pobre menina coser sem descanso e sem poder ganhar mais de nove vintens.

—Minha filha, minha pobre filha dizia a velha, não cosas mais, descança; tem cautela, que adoecerás assim.

—Mas, vou já acabar...

E continuava o seu trabalho. Quando largava a agulha, a desventurada já não podia mais.

E não obstante a sua penuria, nunca lhes sahia dos labios uma queixa. Criam em Deus; sabiam cumprir o preceito que nos manda perdoar aos nossos inimigos, e do fundo dos corações esqueciam o mal que lhes haviam feito os homens, privando-as do que constituia os seus haveres.

E quando á noite Pura descançava, o anjo da guarda lhe velava junto do leito durante o seu innocente e placido somno, purissimo espelho em que se reflectiam a paz e tranquillidade da sua alma.

E o céo admirava a sua candura e sorria docemente.

E como podia succeder outra coisa, visto que um coração puro e uma alma virgem são d'um valor incomparavelmente maior que todos os thesoiros da terra?

A graça, dom inestimavel, raio da divindade, ou, para melhor dizer, o proprio Deus, vivifica as almas, torna alegres os que estão tristes, conforta os afflictos e allivia os opprimidos.

Se alguém a não aprecia, é porque a não conhece. O que chega a gastar uma só vez as delicias celestes, não tem em conta alguma os vãos encantos d'um mundo enganador.

Que ha de commum entre as gozes da materia e os prazeres ineffaveis do espirito?

Pura possuia a paz da alma. A innocencia a embalava docemente.

(Continúa).

combater, também em honra da historia não podem atacar-nos.

A nova geração consagra ao futuro novos codices, que a historia só mais tarde pôde conhecer. O passado foi um individualismo cujos erros não pôde transmitir nas responsabilidades que ficaram enfeudadas ao que já não existe.

Exhumar o cadáver já ressequido do passado, e meter-lhe o bisturi para pôr a descoberto uma entrancha envenenada, é trabalho menos limpo e mais inútil, por que apenas se fende a pelle já torrada pelo tempo, apparece uma ossada vazia.

E o palanfório metralhador da calúnia, e as labias mellifluas dos queixumes da hipocrisia, resvalla na consciência publica, como o golpe do montante resvalla na chapa impenetravel de um escudo.

Se os homens de hoje deversem responder pelos homens de hontem, nenhum partido dos que hoje existem estaria isemto do ferrete ignominioso com que marcaram o cabralismo, em cuja historia a força, o cacete, os assassínios e as massomras foram uma formula de governo.

Ahi estão espalhados por todos os partidos os homens mais graudos do cabralismo. Não sabemos que nenhum dos fanfarrões da revolução haja expulsado do seu gremio esses vivos representantes de uma época e de um partido condemnado pela opinião e maldito pelos outros partidos.

Ah! A coherencia é mais eloquente do que as bafaradas de mã fê e do orgulho. Onde ella falta, fica em seu lugar o testemunho irrefragavel de uma intenção insidiosa, que o povo reconhece e da qual se precata.

Estejam certos d'isto, e não venham fazer romance na politica, pois que o paiz não deseja recrear-se como as creanças, ouvindo historias pavorosas ás bruxas da lareira.

LIBERDADE E MIGUELISMO

Sob esta epigraphe, tem o *Constituinte* publicado alguns artigos, nos quaes, por entre verdades incontestaveis, se misturam algumas calumnias, varias inexactidões, e comparações contraproducentes.

Como se ainda fizesse pouco barulho (barulho e mais nada) este canudo do orgão mindelleiro, veio, sob a mesma epigraphe, de *refuerzo a Murillo, o Amigo do Povo!*

A *Cruz e a Espada* tem destruido brilhantemente, tudo quanto nos referidos dois jornaes mindelleiros se publicou com a *boa fé* de semilhante gentinha: e, quando o *Constituinte* veio recordar o supplicio d'esses 10 infelizes, (a) justicados na Praça Nova, do Porto, a *Cruz e a Espada* apresentou-lhe uma relação nominal de 100, por cada um d'aquelles. Podia mesmo, se quizesse encher columnas e columnas de muitos numeros, apresentar mil legitimistas assassinados a tiro e punhal, por cada uma das victimas que dos contrarios foram mortas em cumprimento de um processo legal e com todas as formalidades e recursos do direito criminal portuguez. Nem os realistas fizeram, *para seu uso*, as leis que condemnavam á morte, os crimes de lesa magestade: ellas existiam havia muitos séculos, e estavam bem expressas no livro 5.º das *Ordenações do reino.*

Quando esses desgraçados fizeram a revolta de 16 de maio de 1828, bem sabiam a que qualidade de castigo se arriscavam, se não triumphassem—e o *Vae vectis*, é muito antigo em todo o mundo.

Note-se porém, uma circumstancia a favor dos realistas.—Os seus jornaes tem sempre lamentado aquelles castigos, sustentando constantemente que o Senhor D. Miguel 1.º, lucrava mais em perdoar aos criminosos, do que em punil'os.

Os liberaes só fallam n'aquillo para desacreditar os seus adversarios politicos; por que, na realidade, tem tanto pezar dos seus que foram sacrificados legalmente, como se o caso se desse na Australia, ou na Laponia. Querem uma prova?—Ahi vae—

No dia 7 de maio de 1880, era o 53.º anniversario dos primeiros 10 desgraçados que morreram na Praça Nova. Pois os liberaes portuenses—muitos d'elles, filhos, netos, sobrinhos etc., dos taes 10 enforcados!—transformaram-o em *dia de grande gala*, e tudo foram festas e alegrias como se fosse uma data gloriosa para a cidade do Porto!!!—O motivo d'esta chifrinada—que terminou ridiculamente burlesca era, diziam

elles, o centenário da morte do 1.º maçon portuguez, o tristemente celebre *Marquez do Pombal*. Uma mentira, como é quasi tudo quanto os liberaes dizem e publicam; porque Sebastião José de Carvalho, não morreu a 7 de maio de 1782, mas no dia seguinte.

Eis aqui como os *chora-mingas* mindelleiros commemoraram o *martyrio* dos seus ascendentes!

Que a gente já não se admira d'estas *transposições* dos taes amigos: elles também *inauguraram* o caminho de ferro da Beira, mais de um mez depois d'elle estar franco para quanto bicho carêta por elle quizesse viajar.

Tratemos agora do titulo dos taes artigos do *Constituinte* e do *Amigo do Povo*.

Sim, senhores, apoiado LIBERDADE E MIGUELISMO. São duas palavras tão instinctivamente ligadas e inseparaveis, que—NÃO PÓDE Haver LIBERDADE VERDADEIRA SEM MIGUELISMO, NEM ESTE SEM AQUELLA.

O tal palavrão de *povo soberano*, que no principio ainda enganou muitos papalvos, já hoje não illude ninguém.

Os portuguezes, só foram livres em quanto não foram *soberanos*.

Durante os sete seculos que estes diabos teem o descôco de chamar *tempo do despotismo*, é que nós eramos verdadeiramente livres—senão é vêr—Foi o povo portuguez que fez o seu primeiro rei, que era um portuguez de lei.

Foi o povo portuguez que deu *baixa de posto*, por incapaz e má figura, a D. Sancho 2.º, e escolheu para o governar, Dom Alfonso 3.º

Foi o povo portuguez que expulsou do seu gremio, e do throno, os filhos de D. Pedro 1.º e de D. Inez de Castro, que tinham tomado armas por D. João 1.º, de Castella, contra Portugal.

Foi o povo portuguez, que sacudiu da patria, o usurpador castelhano, Philippe 4.º, collocando no throno o duque de Bragança.

Foi o povo portuguez, que poz fóra do throno, o imbecil D. Alfonso 6.º, collocando em seu lugar, D. Pedro 2.º

Foi um deputado das nossas antigas côrtes, que em plena sessão lançou em rosto a D. Alfonso 4.º (o *Bravo!*) o pouco cuidado que lhe dava o governo do reino, e que o aconselhou a cuidar mais no *officio de rei*, do que em caçadas e divertimentos—senão!... Senão o que? —disse o rei—senão, respondeu o deputado, *fazemos outro rei.*

N'esses tempos de *escravidão*, é que o povo era verdadeiramente livre e soberano; e ai do rei que cuidasse só em *reinar* perdendo o seu tempo em *caçadas, bailes, patuscadas, e orgias de toda a tasta!*

Os *escravos*, ou o faziam andar direito, ou o deitavam á margem. Vá agora o tal *povo soberano* fazer o mesmo?!

N'esses tempos do *obscurantismo*, o rei, tinha *palavra de rei*, e o que dissesse cumpria-o rigorosamente, porque não eram *reis pardos*. Estes se promettem bem, faltam á sua *palavra real*, muito melhor, e com a maior sencerecermonia—senão vejamos—

D. Pedro, imperador regeitado e expulso pelos brazileiros, faz-se regente dos portuguezes, em nome de sua filha, a ex-princeza do Grão-Pará, e na convenção d'Evora Monte, garantida pelos governos de Hespanha, França e Inglaterra (que contra o *direito das gentes* se tinham intrometido nas nossas dissensões politicas) estabelese o legitimo rei dos portuguezes, um pensão annual de 60 contos de reis—e, não só faltou á sua palavra, não lhe dando nem um real, senão mandou-lhe roubar—ou consentiu que lhe fosse roubada—toda a sua bagagem, deixando-lhe (sabe Deus com que pezar!...) apenas a roupa que levava vestida.

Permittiu-lhe dispor livremente da sua propriedade particular e pessoal, e mandou-lhe roubar tudo, pondo em praça a quinta do Ramalhão, que sua augusta mãe lhe tinha deixado, e outros bens; sendo o producto das vendas distribuido por varios malandros, que, de vadios, róticos e descalços, se transformaram logo em fidalgos e millionarios.

(*Continúa*) PINHO LEAL.

outomno, que termina os dias formosos do anno, e se avizinha da morte. Verifica-se esta solemnidade na vespera do dia em que se commemora os funeraes de toda a familia de Adão.

Assim naturalmente á festa do céu segue-se a festa do purgatorio. E' o dia 2 de novembro em que a Igreja especialmente offerece sacrificios, orações, esmolas e outras obras meritorias por todos aquelles que nos procederam a dar contas ao justo juiz, e que por ventura foram mandados para o purgatorio a expiar o resto de suas culpas.

Se este dia é de lucto na terra é de gala no céu em razão das muitas almas que entram na posse da gloria.

No meio da corrupção e immoralidade que lavra no mundo por toda a parte; n'este tempo em que parece que os homens se não elevam acima da região dos sentidos, algemados a objectos materiaes; quando o amor das riquezas e dos prazeres é o grande pensamento da vida, é então que a Igreja, mãe terna e sollicita, nos mostra quanto são frivolos, imaginarios e despreziveis os bens do mundo, e que a virtude é o unico bem do homem, o unico caminho da felicidade.

Recordando-nos o nada das cousas humanas, e excitando-nos á idéia da morte, a Igreja ao mesmo tempo pede que oremos pelos fieis defunctos que na terra não satisfizeram inteiramente á justiça divina.

Quanto é salutar e proveitosa esta idéia que a Igreja annualmente suscita entre os seus filhos!

A terra não é outra cousa que um vasto cemiterio a que desceram as gerações passadas, e em que brevemente entrará a geração presente.

A destruição do nosso ser a morte que anniquilla a nossa existencia, esta catastrophe horrivel por que havemos de passar, e que a cada momento pôde realisar-se reproduz-se incessantemente á nossa vista por mil modos diferentes, por mil scenas variadas.

Tudo parece, tudo cabe á roda de nós; a cada instante o sopro da morte desfolha as flores d'alguma vida preciosa ou d'alguma pessoa que nos é cara. Todos os dias nos leva nossos parentes, amigos visinhos e conhecidos; todos os dias joga á sorte os valentes e os fracos, os novos e os velhos, os opulentos e os desgraçados! todos os dias murcha grandes esperanças, desfaz grandes projectos, e arruina grandes fortunas.

A morte todos os dias passa terrivel e soberana sobre tudo o que respira e vegeta; a cada momento empallidece os semblantes mais risouhos, deslustra o encarnado das rosas, amarellece o alvor dos lirios, e desce o seu véo sombrio sobre as bellezas da vida na sua primavera.

E no mez dos ventos e das tempestades, quando torrentes de chuva, precipitando-se pelas quebradas dos montes, vão entumecer os rios, e as arvores perdem as folhas e se approxima o rispido inverno: é então que a Religião nos apresenta o triste espectáculo da morte, commemorando solemnemente os fieis defunctos.

Nenhum verdadeiro crente se esquece n'este tempo de enviar ao throno do Altissimo seus humildes rogos principalmente por aquelles a quem devera a vida, a educação e os bens de que goza.

A religião christã é uma fonte inexgotavel de delicias, sempre vivas, e perennes, para todos os que beberam com o leite da infancia o saboroso nectar da sua soberania. Ella ampara seus filhos no caminho da vida; consola-os nas suas amarguras; suavisa-lhes as dores; fortalece-os contra a desgraça; e a sua ternura e carinho não se limita ao tempo presente: os seus cuidados estendem-se além do tumulo.

Escutae! não ouvis o som dos campanarios? Que mysterio encerram os echos que se repetem, e que repercutem nos valles! Orae, que é do bronze a voz pausada a annunciar a oração qelos nossos irmãos defunctos que existem no purgatorio! Oremos por elles.

Homem, que és tu sobre a terra que tão desdenhosamente calças!... Um verme que se escóia pelas fendas d'um sepulchro.

No dia da tua vida não bateu ainda a hora do passamento! Mas ergue a fronte para o céu; não tens um parente ou um amigo a gosar já d'essa vida que a todos espera? Tens...

E meditaste já na importancia d'uma prece segredada em sua memoria, n'este deserto de lagrimas? Sabes qual é o seu valor? Se na mansão do Senhor se adorna já com a aureola de bemaventurança, cada

palavra de oração que lhe envias é uma perola de mais que se lhe vae engastar á deslumbrante corôa de justo. Se no logar do soffrimento esperançoso se purifica ainda das mundanas manchas, cada prece em sua honra é fluido christalino que pouco a pouco lhe vae desvanecendo as nodos da culpa.

Ora por elles, que cada uma das tuas preces será um raio de luz que o Senhor acolherá benignamente.

A existencia do purgatorio, onde as almas expiam a mancha da culpa perdoada, e a utilidade dos suffragios por ellas offerecidos é uma crença tão antiga como o mundo. Para fazer emmudecer e confundir os incredulos modernos basta apontar-lhes a pratica de todo o genero humano.

Platão, que foi o philosopho mais versado nas antiguidades religiosas, e de todos o mais fidedigno, falla dos sacrificios que se offereciam pelos mortos, para os livrar dos tormentos que soffressem.

E não só os antigos gregos e romanos suffragavam em particular a alma de qualquer defuncto mas também offereciam sacrificios por todos em geral.

Logo que se fundou a Igreja christã vemos esta crença e costume sempre continuado e praticado até os nossos dias.

Os Santos Padres do segundo, terceiro, quarto e seguintes seculos, assim como outros escriptores d'esse tempo, fallam dos suffragios pelos mortos, como doutrina apostolica.

Ora, pois, pelos defunctos, principalmente n'este tempo em que a santa Igreja faz commemoração geral de todos elles.

Este anniversario funebre foi instituido nos fins do seculo X por Santo Odilon, quinto abade do mosteiro de Cluny, e depois adoptado por toda a Igreja.

Acompanha, christão, a Igreja no seu lucto e pranto; ella te convida á oração pelos mortos.

Oremos por elles, e em breve oração outros por nós.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. (Da Palavra).

NOTICIAS DE FRANÇA

De diferentes jornaes d'aquelle malfadado paiz, governado hoje pela gente do petroleo, que derrubam os templos, expulsão os religiosos, prohibem o ensino christão—e só proclamam a *liberdade* de sacro e punhal, transcrevemos o seguinte:

«A onda revolucionaria agita-se em França sob o influxo das correntes mais desordenadas. A questão politica succede a questão social, que quasi absorve aquella, e que se manifesta por sintomas verdadeiramente assustadores.

São conhecidas as deploraveis occorrencias de Montceau-les-Mines, onde a população operaria derrubou cruces e destruiu, com dinamite, capellas e alguns estabelecimentos particulares. Em Lião, uma bomba de dinamite, que explodiu á porta de um dos restaurantes mais frequentados, feriu gravemente algumas pessoas. Em Paris teem-se feito manifestações anarchistas de muito vulto, annunciando-se como imminentes grandes *grèves*, celebram-se *meetings* numerosos em que se professam as doutrinas mais subversivas, e proclama-se a guerra sem quartel contra a burguezia, como ha cerca de cem annos se proclamara a guerra intransigente contra a democracia. E a taes extremos chega a exaltação, que já Rochefort, Clovis Hugues, e outros, da extrema radical, são votados a desprezo, como inquinados também de *burguezismo!* Inútil é dizer como são considerados os opportunistas e os republicanos conservadores. O presidente Grevy e Gambetta são dois monstros, dignos de todos os tormentos! Avallie-se por isto o mal estar d'aquelles cerebros enfermos.

E não são alguns individuos isolados, que a policia possa facilmente vigiar, e de que a sociedade se defenda a ferro e fogo n'uma casa de correção ou n'um hospicio de doidos. São muitos milhares de operarios, um verdadeiro exercito de homens habituados ás fadigas do trabalho. Braços fortes animados por um ardor febril! A situação é cheia realmente de difficuldades, por que o mal tende a alastrar em vez de diminuir.

«Ao petroleo succede o imperio da dinamite.

Não pôde deixar de notar-se que este movimento geral de insurreição nas classes operarias coincide com o levantamento geral de escudos, que se observa principalmente nos arraiaes do legitimismo, o qual

RELIGIÃO

COMMEMORAÇÃO DOS FIEIS DEFUNTOS

Acaba a Igreja de celebrar a morte dos santos, porque alcançaram o goso da bemaventurança eterna: é a grande festa do

(a) Aliás 12—No dia 7 de maio de 1829, foram 10—e no dia 9 de outubro do mesmo anno, mais dous.

se apresenta, em hora de tanto perigo, como o unico salvador! Assim é que a mais primorosa penna das que escrevem no «Fígaro» sob o pseudónimo de *Ignotus* (barão Felix de Platel), do mesmo lanço accusa a revolução de não saber senão complicar a questão operaria. «A questão operaria—prosegue—é da competencia real. E isto é tão verdade que os nossos principes, como succede com o sr. conde de Chambord e com o sr. conde de Pariz, tem estudado essa questão, mais e melhor do que politico algum democrata.

Os grandes sistemas humanitarios só podem ser proveitosamente executados, quando o principio da auctoridade vigora em toda a sua força. Por outro lado, a mão direita pode sustentar uma espingarda contra as multidões, desde que a mão esquerda tem para ellas uma bolsa... E' preciso, pois, que os acontecimentos de Montceaux-Mines não afastem do povo o partido monarchico. O povo sabe muito bem que a caridade, é do nosso credo. Não falo aqui da caridade christã, que é o mais bello fruto da arvore cruz, derribada pelos mineiros. Não falo do Evangelho, que é indubitavelmente o livro em que a questão da miseria se acha mais bem exposta. Quero dizer que devemos fallar ao povo, n'este momento, em que tão evidentemente se revela a importancia da revolução para resolver a questão operaria. E eu sei que n'este proposito vão organizar-se por toda a parte conferencias conservadoras. Facilmente se empreenderá o effeito produzido por algum dos nossos oradores, que, por exemplo, tomar para tema da sua conferencia provar ao povo de Pariz que os vinte e cinco milhões annuaes da *Beneficencia publica* são desperdiçados pelo modo mais inepto.»

Escusamo-nos a alongar a transcripção. Basta ao nosso proposito fazer observar que nem o auctor do artigo, nem a folha, em que elle foi publicado, auctorisam a considerar aquellas palavras como escriptas no ar.

Desengane-se a França—ou Henrique V ou o roubo, o incendio, a morte. Não ha que hesitar—é este o dilema.

CORRESPONDENCIA

Amareos 27 d'Outubro de 1882

(Do nosso correspondente)

A tragedia de Rendufe, horrorosa que foi, não poderia transpor os factos da historia dos crimes celebres, sem outros appendices não menos revoltantes, como as calumnias, a proposito vomitadas, sobre a honra e dignidade do immaculado juiz, e sobre os caracteres briosos do administrador do concelho, Padua, e do escrivão Saldanha.

Em boa hora, que o virus pestilento do diffamador, longe de rastejar por junto d'estes homens que se prezam, e que a opinião publica avalia no que elles tem de precioso, como cidadãos, e como empregados,—ha de envenenar o proprio caluniador, e tornal-o abjecto, quando onse sahir do palude anonymo onde se encharcou.

Quem quer que seja, *Manoel* ou José, Antonio ou Pedro, mal fez; que a imprensa é um registro das accões da sociedade, um archivo que resiste ao deccorrer dos seculos, um padrão de gloria para o que n'ella se nobilita, e tambem um poste de agonias para o que n'ella se degrada.

O epistolographo do *Amigo do Povo*, quando teve a fatal lembrança de deprimir o conceito d'aquelles tres individuos, esculpidos pela sua honra contra os vituperios que lhe lançou, melhor quebrasse a penna, e abafasse dentro em si a venenosa sanha com que os pretendia morder.

Embora a calumnia haja perturbado a paz d'espírito a estes cavalheiros,—pelo que dóe a infamia, pelo que atribula a injustiça, pelo que nos flagela a ideia de como seremos julgados por quem nos não conhece,—é certo que no intimo das suas consciencias, e no coração de quem tem a honra de bem os aquilatar, acharão o contra veneno para repellar injuria, se outro desforço não lhes permittir a sua hombridade, para acharar o villão.

A imprensa do paiz, que terá ingresso, creio eu, em logar proprio, dentro do tribunal, no dia do julgamento dos réos, auctores do nefando crime do assassinato do infeliz Affonso, apreciarão então a que ponto foi injustamente aggrevido o nobilissimo caracter dos cavalheiros que não te-

nhu a estulta pretensão de deffender, se não d'ir restabelecendo, na opinião do publico que os não conhece, a verdadeira face dos factos controvertidos pela calumnia em antes de poder, quando o sigillo dos autos o permitta, apresentar um desmentido mais frisante á desbragada maledicencia.

Por emquanto é do dominio publico que a ré Maria José Gomes se firmou na accusação de complicitade contra o amante, Francisco d'Araujo, e que desviou de sobre a alcoviteira, das relações adulteras com este, toda a ideia de convivencia, ou complicitade no crime.

A aceitar-se a verdade dos labios da criminosa,—que, está provado só ter dito a verdade,—que quer, que pretende o epistolographo do *Amigo do Povo*?

Se elle sabe mais do que disse a adúltera e homicida, porque o não vem dizer ao processo?

Evidenciam-se as causas da morte do desgraçado, taes quaes a fera mulher as denuncia, com a frieza d'animo mais revoltante;—por ella sabemos as peripecias mais minuciosas da concepção e execução do crime;—ninguem nos diz que d'outra forma corresse esta scena infernal; e vem uma lingua viperina ennochar o magistrado, que mandou soltar uma velha asquerosa, sem ninguem, que a protegesse senão a verdade da culpada, que a comprometteria com outra tanta razão de ser quanto comprometteu o amante!

Isto é puramente logico; e só um demente, ou um perfido, desloca uma verdade, para introduzir uma calumnia!

A actividade do administrador do concelho na prisão dos criminosos, e no descobrimento dos fios da tenebrosa meada, tambem está soberbamente provada, e todo o homem sensato lhe faz a devida justiça.

Ao escrivão Saldanha, sobre quem o caluniador accentou mais vilmente a maledicencia, apresentando-o como protector do assassinio, tambem a nodoa não pôde pegar, que lá está o seu depoimento no processo, como testemunha, a desmentir a aggressão.

Quem conhece a inteireza d'aquelle caracter, e os sentimentos cavalheirescos de empregado sem mancha, indigna-se e revolta-se contra accusações nojentas, e apenas concebidas no cerebro de quem as escreveu!

Não se diga:—o escrivão Saldanha ha de fazer isto e aquillo, para valer ao seu protegido;— diga-se:—fez e obrou d'este e d'aquelle modo,— com provas manifestas, e com documentos; que não hypotheses fantasticas; e neste lugar me arvora-rei em seu verdugo, mais fortemente que em admirador das suas boas qualidades.

Não pretendo insinuar a imprensa no seu elevado mister de moralisar, e no seu augusto sacerdocio d'instruir; mas pesava-me que não lhe fizesse sentir a facilidade com que permite franca entrada, nas suas columnas, á maldicencia e á calumnia.

O *Amigo do Povo*, que tem uma denominação tão sympathica, deve fazer escolha de chronicistas, que não sejam—*inimigos da honra alheia*—por ser propriedade que elles nunca poderam tornar sua.

Oh! a inveja devia ter acabado em Cairn; mas ha, infelizmente, mais Cairns que cães!

Teve hoje lugar a segunda exhumação do cadaver do Affonso, para se julgar da verdade da confissão da ré, sobre o modo por que se deu a morte do desgraçado.

Os peritos acharam amolgado o temporal direito, onde ella dissera lhe havia batido o amante com um mascoto de pau. Não poderam outrotanto averiguar sobre o aperto dos orgãos genitais, tambem por ella confessado, por haver esphacelamento completo; mas não resta duvida que a *servinha de Deus* falla verdade.

Devidamente equiparada com o da epistola para o *Amigo do Povo*, tem ella mais esta grande virtude. O seu a seu dono.

berdade para elles. Bem haja por isso. Dê cá esses ossos, e recaba o abraço de um bravo.

Se me permitta vou agora narrar-lhe a sensação estranha que experimentei ultimamente.

Amanheceu alegre e presenteiro o dia 31 de Outubro do anno corrente, em que completou 44 annos o neto do *immortal dador*, o Senhor D. Luiz, actual chefe da dimnastia que ajudei a implantar neste paiz.

Logo ao romper do dia fui despertado pelo alegre repicar dos sinos, pelo sons *harmoniosos* da banda regimental, e pelo estronhear dos foguetes que salvavam tão festivo dia. Que entusiasmo! Que delirio!!! Que reinação!!!

Peguei em mim e fui gosar este brilhante espectáculo.

O sol dardejava seus brilhantes raios por sobre as grimpas das torres e terraços das habitações.

Era ainda o sol que illuminou os campos da Asseiceira e de Almoster.

A pacifica gente d'esta cidade, ia pizando as ruas mas notei que esta não compartilhava do meu entusiasmo pelo rei e pela carta.

Pois é pena!. Depois de tantas fadigas, como as que passei, ver passar um facto tão glorioso no meio de uma tão gelida indiferença, confesso que não valia a pena levar com a tal bucha no tornosello!

Seriam 10 horas da manhã e ouvi o rufo de um tambor. Que será? perguntei a mim mesmo? Temos mais musica? Oh agora sim! agora é que o povo se vae entusiasmar. Effectivamente; o povo corria apressorado a indagar da causa do tal zabumba. E reunia-se em volta do pregoeiro da camara pois era um bando que percorria as ruas da cidade augusta.

Vamos a ver, disse eu, que alegre nova vae saber o povo bracaraense em dia de tanto regosijo.

«Oh! que não sei de nojo como o conte!» Era o aviso de que no dia 2 do corrente estava aberto o cofre da recebedoria para a cobrança *voluntaria* da decima:

Predial	
Industrial	
Sumptuaria	
Juros	
Renda de casas	
O diabo em fim!...	Um diluvio de decimas e tributos, que nos leva couro e cavallo.
Mas então para que é tanto tributo? Em que se gasta tanto dinheiro? Será com os pobres dos 105000 reis que eu recebo?..	
Nada; isto não pôde ser. E com esta ideia a ruminarme na cachimonia fui indagar do sorvedouro que consome tanto dinheiro— e deparo, entre muitas outras coisas, com a <i>lista civil</i> pela qual o pobre povo paga por anno:	
Ao Senhor D. Luiz....	365 contos
À Senhora D. Maria Pia.	60 »
Ao Senhor D. Carlos....	20 »
Ao Senhor D. Affonso....	10 »
Ao Senhor D. Fernando..	100 »
Ao Senhor D. Augusto ..	16 »
	571 »

Quinhentos e setenta e um contos que, além do mais, nós leva a dimnastia que felizmente nos rege!!!.

Acho forte, e pouco engraçado pedir ao povo, n'um dia tão solemne, uma tão quantiosa somma!

Palavra de honra, que hoje, achavame com pouca vontade de offerecer o outro tornozello, se perigassem as instituições.

Mas como o *novo* já está envazilhado—ávanté meu povo é seguir para a frente.

Bernabé Fulgencio.

NOTICIARIO

Agradecemos.—O nosso collega do *Constituente* declarou suspender temporariamente a sua polemica com a nossa folha, promettendo voltar brevemente.

Agradecendo ao collega a delicadeza do *cavaco*, cá ficamos tambem esperando a sua nova visita para proseguirmos.

Enfermo illustre.—Acha-se bastante encommorado o Ex.^o Sr. Dr. Theotónio Rodrigues d'Abreu e Fontes, distincto advogado n'esta cidade. Fazemos votos pelo seu breve restabelecimento.

Commemoração dos mortos.—Foi numerosa a concorrência dos fieis ao Cemiterio publico na quarta feira de tarde, para sufragar com as orações da Igreja as almas d'aquelles que ainda á pouco nos eram caros.

Que espectáculo maravilhoso. Como é grande a religião do Crucificado!

Ali, via-se o filho a orar pela alma do pae, junto do seu jazigo; o pae pelo filho, a espoza pelo marido— todos emfim tinham n'aquelle campo da egualdade uma pessoa que lhes havia sido cara n'esta vida.

Os jazigos e a campa raza estavam adornados de crepes, flores e muitas luzes: as vozes das orações faziam um conjunto que impressionava a alma do crente e que se elevava em extasi á manção dos justos.

Só Deus é grande e depois a virtude —! disse esta verdade um grande sabio.

O cemiterio achava-se com toda a limpeza e aceio, devido tudo ao incansavel zelo do guarda mór, o sr. Veiga e o dia tornou-se bom para a concorrência dos fieis.

Rectificação.—A noticia que demos no n.^o passado sob a epigraphe—*A impiedade em accão*—fomos, em vista da gravidade do facto, informar-nos da verdade, e apuramos que não foi um Santo Christo mas outra cousa qualquer, que foi mergulhada na ligeira de caldo. Assim fica restabelecida a verdade.

A nossa Camara.—É impagavel esta nossa administradora: collecta tudo a torto e a direito, e até em duplicado —pois, segundo a sua alta *sabença*, entende que, se algum individuo, for guarda roupa de um estabelecimento de educção (exemplo) e ao mesmo tempo peniqueiro, tem de pagar distinctamente por cada um d'estes dous ramos de industria!

É isto uma pura verdade — pois, ha profissão ou misteres que se exercem publica e particularmente, e que só deviam ser collectados por uma só industria—, mas, não acontece assim, porque, esta nossa douta senhora, destaca as contribuições sem tantas quanto forem as casas, ou partidos particulares. Isto é admiravel.

Incendio.—Hontem de manhã manifestou-se incendio na casa de um lavrador da freguezia de Semelhe. O pobre homem estava com a mulher entredido no serviço do campo quando o incendio se manifestou e logo correram para salvar uma filhinha de seis mezes que haviam deixado a dormir.

A innocentina foi aarancada das chamas: já muito queimada e trasida logo á cidade onde lhe foram prestados os soccorros necessarios, mas parece que não pôde salvar-se.

É sempre perigoso deixar a sós em casa os innocentes que não podem deffender-se dos perigos.

Consorcio.—Em Villa Viçosa ligaram-se pelos laços do matrimonio a Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Joaquina de Saldanha Souza Menezes Oliveira Azevedo Corte Real, com seu primo o Ex.^{mo} Augusto Damazo da Silva Ramalho e Costa Miguens, filho dos Ex.^{mos} Antonio Agostinho Miguens e D. Maria Francisca da Silva Ramalho e Costa Miguens.

A noiva é neta do Ex.^{mo} Sr. Thomé de Souza Menezes, caracter nobilissimo e descendente de uma das mais notaveis familias d'este reino.

As excellentes qualidades dos noivos, e a sua fina educção moral e religiosa, faz-nos presagiar um enlace feliz, o que do coração lhes desejamos.

Relatorio.—Recebemos o da Conferencia de S. Vicente de Paulo da cidade de Guimarães, e por elle vemos os esforços que aquella benemerita e piedosa associação tem empregado para— consolar os tristes, vestir os nus e dar de comer aos que tem fome.

Abençoada associação—! o céo recomendará os seus santos trabalhos, e os pobrinhos a quem soccorres entecerdam ao Senhor pelos seus bemfeitores, augmento e prosperidades. É uma verdadeira obra de Deus.

A receita desde 26 de abril de 1880 até 31 de dezembro de 1881 foi de... 1:0785135

Despeza..... 1:0535538

Saldo..... 245597

Casa de cambio.—O sr. Antonio Ignacio da Fonseca, com casa de cambio e bilhetes de loterias em Lisboa, vai abrir uma Filial n'esta cidade, nos baixos da casa do sr. José Maria da Silva, na rua do Souto. Que tenha muitos freguezes e sejam felizes é o que desejamos.

Irmãs de caridade.—A junta da ordem terceira de S. Francisco, de Guimarães, deliberou que os enfermeiros do seu hospital fossem substituidos por irmãs de caridade.

O imposto do sal.—Diz o «Economista» que talvez ainda esta semana seja levado á assignatura regia o regulamento do imposto do sal.

Mais uma conveniencia para Zé-Povinho.

COMMUNICADO

Sr. redactor.

Agradeço commovido com um liberal aperto de mão a sua extremosa bondade, mandando publicar no seu jornal a minha carta ultima.

Com este facto deu v. uma prova solemne da tolerancia que o anima; e nisto se distingue de muitos dos meus partidarios, que arrotando liberalismo por todos os povos do campo, só querem a li-

ANNUNCIOS

Arrematação Judicial

Pelo Juizo de Direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do terceiro officio de que é escrivão o abaixo assignado, se tem de effectuar no dia 19 do proximo mez de Novembro do corrente anno, por dez horas da manhã, á porta do tribunal Judicial, sito no largo de Santo Agostinho da mesma cidade, a arrematação dos seguintes bens:—Uma morada de casas sobradadas e telhadas, composta de sallas, quartos, cosinha e lojas, terras de horta e mais pertencas.—O campo grande, terra lavradia, com arvores de vinho e oliveiras com agua da levada do Ribeiro e da Lavandeira de cima—Dous campos denominados dos Prados, terra lavradia com arvores de vinho, tendo tambem agua da levada da Lavandeira—O campo chamado do Barreiro no lugar das Veigas, terra lavradia com arvores de vinho, com agua da Lavandeira de cima—Uma leira no mesmo lugar das Veigas a que chamam Secca, terra lavradia com arvores de vinho, com agua da levada de baixo da Lavandeira—O campo denominado de Entre-os-Rios situado no lugar assim chamado, terra lavradia com arvores de vinho, e tem agua do ribeiro da Lavandeira. Tudo sito na freguezia de Santa Christina de Longos da comarca de Guimarães. São de praso foreiras ao Reverendo Bernardo Dias da Silva, da mesma freguezia, com o foro de 20 reis annualmente. Achão-se louvadas pelo seu rendimento annual com o foro e laudemio abatido, na quantia de 1:821:846 reis e oneradas aos seguintes credores e onus reaes—Ao dominio directo consistente no foro annual referido de 20 reis—a 150\$000 reis a Manoel Joaquim Marques Guimarães, de Briteiros, por escriptura—a 600\$000 reis ás Religiosas do Salvador d'esta cidade por escripturas—a 4:814\$000 reis a José Antonio de Faria, desta cidade, por escriptura—ao onus dotal em favor da executada mulher—a 1:000\$000 reis e a Christovam José Fernandes da Silva 1:650\$000 reis, o que tudo consta da respectiva certidão de registo. As referidas propriedades foram penhoradas e louvadas na execução de sentença em que são exequentes a Madre Dona Abadeça e mais religiosas do governo do Mosteiro do Salvador, desta cidade, e executados Anna da Cunha, e marido Joaquim Vieira Ribeiro, da freguezia de Gerás, comarca da Póvoa de Lanhoso. Por tanto quem n'ellas quizer lançar pode comparecer no indicado dia, hora e local. São tambem citados pelo presente annuncio todos os credores incertos e mais pessoas que se julguem com direito ás propriedades, ficando sciente do referido dia de praça, para no acto d'ella usarem querendo do que lhes é concedido na lei. Leva o sello de 10 reis devidamente inutilisado.

Braga 25 de Outubro de 1882,

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Adriano Carneiro de Sampaio.

O Escrivão do processo,

(83) Antonio José da Cunha Vianna.

Arrematação

Pelas 10 horas da manhã do dia 12 do proximo mez de Novembro, no tribunal judicial, d'esta cidade e comarca de Braga, sito no largo de Santo Agostinho, tem de andar em praça e ser arrematada pelo maior lance que offerecido fór acima da sua louvação a propriedade se-

guinte: Uma morada de dois andares, designadas pelo numero vinte e quatro sita na rua de Santa Margarida, d'esta cidade, de natureza de praso foreiras ao Peixoto de Brim, a quem se paga o foro annual de dusetos reis; foi louvada e entra em praça com abatimento do dito foro na liquida quantia de sete centos noventa e seis mil reis, cuja propriedade foi penhorada para pagamento de execução por decimas á F. N. Antonio José Pereira, da dita rua, na respectiva execução que lhe move a mesma F. Nacional. Pelo presente tambem são citados todos os credores e pessoas incertas que se julguem com alguém direito á propriedade a arrematar, para que fiquem scientes do dia, hora e local da praça, assistirem a ella e uzarem, querendo dos seus direitos, sob as penas da lei.

Braga 23 d'Outubro de 1882.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Adriano Carneiro de Sampaio.

O Escrivão do 4.º officio

José Clodomiro Telles da Silva Menezes. (82)

Domingos Pereira d'Azevedo

LARGO DO PAÇO N.º 3

Tem á venda grande sortimento de camimiras de inverno, pannos castores, flanelas, chaviotes, cobertores, e muitos outros artigos, que vende por preços sem competidor, e que ultimamente recebeu. Os preços são convidativos. (84)

CIRURGIA VETERINARIA

Posta ao alcance de toda a gente

OU

Diccionario pratico das doenças e curativo dos gados

POR J. J. VIANNA REZENDE

Precedido de um formulario geral dos medicamentos necessarios para tratamento das doenças dos animaes domesticos e de um breve tratado da maneira de praticar as operações a que mais vulgarmente se recorre na cirurgia dos mesmos.

Obra extremamente util a todos os lavradores, officiaes de cavallaria, curiosos de cavallos, possuidores de gados, ferradores, picadores, caçadores e pharmaceuticos.

PREÇO 600 REIS

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia a Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cégo, á Praça das Flores, 23—LISBOA.

N. B.—Pede-se a todos os cavalheiros que pedirem este livro, a enviarem a sua importancia em estampilhas, o favor de registarem as cartas para que não haja extravio, como já tem acontecido.

VIDA HISTORICA

DO CARREJÃO

THIAGO FIUZA

DA CIDADE DE BRAGA

POR

EVARISTO ALBINO DE BARROS

Acha-se em assignatura e brevemente em via de publicação este estimavel livro, sendo recommendavel pelos muitos e curiosos successos, que tiveram lugar desde 1787 até 1867.

Preço por assignatura 300 rs.

Avulso 360 rs.

Assigna-se na Typographia Lealdade—Rua de Jano n.º 1, e no estabelecimento de José Ferreira de Carvalho, Rua do Souto n.º 48—Braga.

HEROISMO

Da joven e illustre Senhora Portugueza

D. ISABEL JULIANA DE SOUZA

O MARQUEZ E MARQUEZA DE POMBAL

Humilhados, convecidos e vencidos

Publicação de dois manuscritos, e observações sobre os mesmos, pelo P.º José de Souza Amado.

Vende-se em Lisboa nas principaes livrarias. Preço 100 rs.. Envia-se franco de porte a quem remetter esta quantia em estampilhas de 25 rs., ao snr. P.º Miguel Ferreira de Mattos, rua de Alcantara n.º 84, 2.º—Lisboa.

Precisa-se de um rapaz que saiba lêr e escrever de 12 a 14 annos.

Pode-se dirigir a esta Redacção qualquer pertendente.

BAPTISADOS

Na confeitaria Bracarense, rua de S. João, nos baixos da casa do Passadiço, tomam-se encomendas de doce, fiambre, queijo, vinhos finos e excellente vinho verde para meza: esta casa encarrega-se de fornecer todo o serviço de mesa e creados tudo com accio e limpeza.

ATTENÇÃO

NARCISO RAMOS DE BARROS PEREIRA

RUA DE S. VICENTE N.º 67, BRAGA

Recebeu directamente do Rio Grande do Sul, uma grande porção de carne secca de superior qualidade, a qual vende por 360 reis o killo; assim como herva Matte que vende por igual preço e farinha Saruy. (80)

COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

224—Rua da Esperança—Lisboa

Este antigo estabelecimento fundado pelos srs. Martins Bastos e Carreira de Mello, abriu as suas aulas no dia 2 do corrente e continua a receber alumnos internos, semi-internos e externos.

A sua posição topographica é das mais hygienicas, dominando a bahia do Tejo; tem quartos separados para os alumnos, bello jardim para recreio no centro do edificio, salão para gymnastica, alimentação substancial, bem preparada e abundante, tinas para banhos, etc. etc.

Possue equalmente gabinetes de physica e chimica e um museu de historia natural comprehendendo não só a zoologia, como a botanica, muitos especimens de conchologia, e a mineralogia; alem d'isso uma bibliotheca escolar que o director põe á disposição dos alumnos.

As aulas do collegio abrangem o quadro completo do curso geral dos Lyceus, segundo o actual programma, não havendo um só dos seus professores que não tenha longa pratica do magisterio.

A inspecção das aulas e a educação religiosa estão confiadas ao mui conhecido escriptor, e orador sagrado, o festejado snr. Padre José Joaquim de Senna Freitas, que tambem forma parte do corpo docente d'este estabelecimento, como professor de philosophia e de linguas.

Estamos certos de que não poderiamos dar melhor garantia aos paes de familias que enviarem ou pretenderem enviar seus filhos para este collegio.

Todos os que o quizerem fazer, podem dirigir-se ao escriptorio do referido collegio, onde lhe serão dados os Estatutos e todos os esclarecimentos, podendo ao mesmo tempo visitar todo o edificio, se o desejarem.

Tambem se remettem os Estatutos pelo correio a quem os pedir ao seu

PROPRIETARIO E DIRECTOR,

João Baptista Ferreira.

ESTÁ A VENDA

A PAZ D'ALMA

Fructo da devoção á Eucharistia e do abandono á Providencia

OBRA DO

PADRE CHAIGNON, S. J.

VERTIDA DO FRANCEZ COM UMA INTRODUCCÃO PELO ILL.º E EX.º SNR.

Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar

Conde de Samodães, par do reino, ministro e secretario d'estado honorario, etc.

UM VOLUME DE 344 PAGINAS

Esta obra, devida á penna Reverendo Padre Chaignon, da Sociedade de Jesus, está vertida para portuguez e acha-se no prelo, devendo sahir muito brevemente a publico.

Como trabalho mystico e de piedade é um dos mais perfectos e completos do nosso tempo. Pela pureza de doutrina e meditações, que encerra, acerca da Sagrada Eucharistia e da confiança na Divina Providencia do meio das privações da vida, é um livro apreciavel. Recorda a harmonia e tranquilidade que se experimenta, quando se percorrem os capitulos inspirados do immortal livro *Imitação*, ou os *Trabalhos de Jesus*, do nosso sapientissimo Frei Thomé de Jesus, cujo livro, além de ser uma obra da mais acrisolada devoção, é um monumento litterario da nossa lingua.

A PAZ D'ALMA deve ser o companheiro inseparavel das pessoas que aspiram á perfeição, e precisam consolações efficazes nos transes da existencia.

O livro será publicado estes dias.

Recebem-se assignaturas desde já na casa do editor José Fructuoso da Fonseca, rua do Almada n.º 335, 3.º andar, Porto.

Preço para os senhores assignantes 500 réis; depois da publicação custará 600 réis cada exemplar. Os snrs. assignantes podem mandar o porte das suas assignaturas em sellos de 25 réis.

Preço 600 reis—Pelo correio 630 reis.